

ANÁLISE DE RELATOS DE MEMÓRIA DE PROFESSORES DO PROEJA  
FIC/PRONATEC DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA

**Rita de Cássia Balieiro Rodrigues**  
**Maria Emília de Castro Rodrigues**

# O que é o Proeja-FIC/Pronatec?



- É o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, na Formação Inicial e Continuada com Ensino Fundamental (Proeja-FIC),
- Com verbas provenientes do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).
- Integra a formação de nível fundamental com o ensino profissionalizante.

# Onde acontece?



- Em 10 escolas da SME (Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO) na modalidade de educação de Adolescentes Jovens e Adultos, desde 2013;
- Sendo que desde 2010 uma das escolas iniciou com a proposta do Proeja-FIC, oferecendo o curso de “Auxiliar de cozinha”.

# Os propósitos da experiência do Proeja FIC/Pronatec

- Preparar para o mundo do trabalho Gramsci(2004);
- Preparar o homem omnilateral;
- Um ensino vinculado ao mundo do trabalho, à vida, enquanto atividade criadora, produtor (envolvendo a formação intelectual, física, tecnológica) numa concepção ontológica do ser.
- Envolve currículo integrado e aulas compartilhadas;



# A pesquisa do Proeja-FIC/Pronatec

- Faz parte do:
- “Projeto Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais– elaborado e coordenado pela UFG”;
- Está dentro do Programa Observatório da Educação - Obeduc financiado pela Capes e está ligado ao Centro de Memória Viva (CMV);
- Um dos objetivos do grupo de pesquisa é a sistematização dessa experiência;

# Análise do perfil dos docentes que atuam no Proeja-FIC/Pronatec

- Instrumentos de pesquisa:
  1. relatos de memória desses profissionais;
  2. preenchimento de um organograma para investigar a escolarização e o pertencimento de classe dos pais, avós e irmãos dos professores;

## Por que relatos de memória?

*[...] a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de **reconstrução de si mesmo** o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. (POLLAK, 1989, p.11).*

# Em consonância com Paulo Freire...

- Paulo Freire aponta como uma das exigências do ato de ensinar:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar". (FREIRE, 1996, p.41).

- consideramos que a escrita sobre a memória individual é um exercício de reflexão importante e que também faz parte do reconhecimento e da assunção de sua identidade cultura;

# Alvo da pesquisa nesse artigo

- Relatos de memória (inst. 1) de quatro professoras da escola A - que faz parte do Proeja-FIC/Pronatec;
- Preenchimento do organograma (inst. 2) por todos os professores do Proeja FIC/Pronatec desta unidade de ensino.





# Tópicos de análise do perfil de professores

1. Professores e Escolarização Familiar
2. Professores e Pertencimento de Classe
3. Marcas e reações da escolarização
4. A escolha profissional e os impasses da profissão docente
5. Concepções de Ensino dos professores

# 1 Professores e Escolarização Familiar

## ❖ Escolaridade dos pais e avós dos professores

Parentesco /Escolaridade	Pais	Mães	Avôs	Avós
Fundamental Incompleto	6	6	6	4
Fundamental completo	1		3	2
Ensino Médio	2	2	2	1
Ensino Superior				
Não sabe		1		

# 1 Professores e Escolarização Familiar

## ❖ Escolaridade entre os irmãos dos professores

Grau de escolaridade	Irmãos e irmãs
Não Alfabetizados	1
Fundamental	5
Médio	13
Técnico	1
Superior	26

# 1 Professores e Escolarização Familiar - Reflexões

- Aumento da escolarização familiar nos filhos. Em um total de 46 irmãos, 26 fizeram cursos superiores.
- Pais como incentivadores dos filhos nos estudos;

“Meus pais vieram para a cidade grande para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar”. [Relato de memória P1].

“Essa trajetória envolveu mudança da família do interior para a Capital goiana e com isso, houve certa instabilidade financeira que se agravou quando meu pai deixou de ser o provedor financeiro da família.” [Relato de memória P4].

- Veem a escola com uma potencialidade de transformação e de ascensão social.

# 1 Professores e Escolarização Familiar - Reflexões

- A visão de escola como transformadora social e econômica persiste nos professores;

Reforçar, pura e simplesmente, a tese oficial de que a escolaridade complementada por alguma formação profissional confere empregabilidade, é, no mínimo, má fé. Por outro lado, afirmar que não adianta lutar por mais e melhor educação, é, mais do que matar a esperança, eliminar um espaço importante para a construção de um projeto, contra-hegemônico. (KUENZER, 1998, p. 69).

- Ter uma elevada escolaridade não é sinônimo de garantia de emprego e tão pouco de mudança de nível socioeconômico numa sociedade capitalista.

## 2 Professores e Pertencimento de classe

Parentesco	Pais	Mães	Avôs	Avós
Profissões	Horticultor Motorista Comerciante - 2 Alfaiate Securitário Professor não formado Sapateiro Garimpeiro	Horticultor Do lar – 5 Fabricante de lençóis Funcionária publica (nível médio) Técnica em enfermagem	Horticultor Agrimensor (nível superior) Empresário (dono de Boate) Lavrador - 2 Caixeiro viajante Funcionário público (nível médio) Fabricante de sela Pecuarista - 2 Comerciante – 2 Não sabem - 6	Horticultora Do lar - 8 Lavradora Lavadeira e salgadeira Pecuarista Não sabem - 6

## 2 Professores e Pertencimento de classe

- Relatos revelam dificuldades financeiras;
- Duas professoras tiveram que trabalhar ainda na adolescência;

“Aos 15 anos comecei a trabalhar na recepção da escola e me deram uma turminha de crianças para lecionar. Aos 17 anos já trabalhava com ensino médio e cursinho e ainda em Centro de Línguas.” [Relato de memória P 3].

- Os relatos evidenciam que a maioria pertence à classe trabalhadora, mas alguns se consideram como membros da classe média;

“Foi uma época boa, mas bastante corrida, andava muito, percorria Goiânia, de ponta a ponta de ônibus, foram lutas incessantes até me formar.” [Relato de memória P1]

## 2 Professores e Pertencimento de classe - Reflexões

- Vale destacar que o pertencimento de classe seja um dos fatores que pode influenciar nas concepções dos professores sobre o ensino e sobre como veem seus alunos e na forma da assunção do trabalho frente a essa modalidade;
- Marx (2008) considera que há dois tipos de consciência de classe, a consciência de classe em si e a consciência de classe para si.
- Para Schaff (1987), o pertencimento de classe diz respeito à consciência ou visão de mundo que um grupo de indivíduos tem de si próprio e dos demais.
- [...] não se deve inferir que a origem de classe é fator suficiente para determinar em absoluto a consciência de classe, o sentido de pertencimento de cada indivíduo a uma classe social. A origem de classe é apenas um dos elementos, ainda que seja no geral um elemento particularmente importante (a determinação ontológica), que determinará a consciência de classe, a visão de mundo dos indivíduos inseridos nas relações sociais de produção e reprodução da vida material e simbólica.(DUARTE, 2012, p. 02),



## 2 Professores e Pertencimento de classe - Reflexões

- A discussão da consciência está entrelaçada com a análise da totalidade social, que impõe a condição de superar a fragmentação, dessa forma, a consciência vem integrada com a atividade e com a produção material dos seres humanos.
- Para Marx e Engels (2005) a consciência não é independente do objeto real, assim, o que vem antes da consciência constitui-se como algo “em si”. O que é construído a partir das reflexões e apropriações do sujeito é algo que foi adquirido “para si”, resultado de uma ação consciente, mas construído a partir de um processo que avança do “em si” “para si”.
- O sentimento de alguns professores que fizeram suas memórias quando conseguem perceber que a formação, a educação é uma possibilidade, uma ferramenta para a constituição crítica, estes conseguiram chegar à consciência histórica de pertencimento a uma classe de trabalhadores.

### 3 Marcas e Reações da Escolaridade

- As marcas apresentadas têm a ver com disciplina rigorosa, castigos, dificuldades de aprendizagem, especialmente nas áreas exatas, bullying;

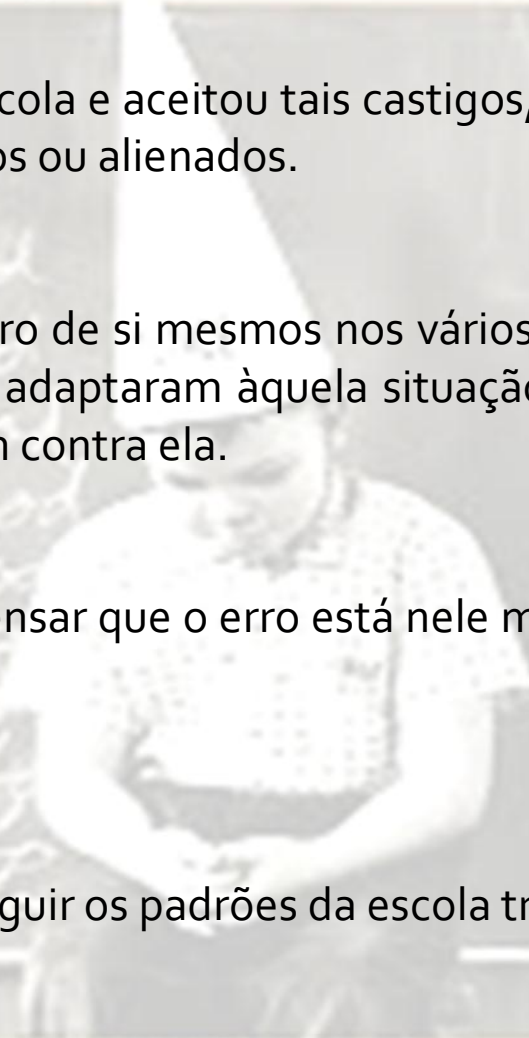
“Tinha aluno que chorava de medo, tremia. Uma vez ela quebrou uma régua de madeira fina na cabeça de um colega meu. Era aquela história, nariz no quadro como castigo, ajoelhados num tapete de madeira com tampinhas de garrafa viradas pra cima, mas foi com essa professora que aprendi a ser mais atenta, pois sempre fui comportada, mas muito desatenta (hoje talvez fosse diagnosticada como Déficit de atenção)”. [Relato de memória P2].

- A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p.6).

### 3 Marcas e Reações da Escolaridade - Reflexões

Castigo moral

- O professor que passou por castigos na escola e aceitou tais castigos, não devem simplesmente ser considerados retrógrados ou alienados.
- São seres humanos que buscam o encontro de si mesmos nos vários âmbitos da sociedade, especialmente na escola. E se adaptaram àquela situação desumana por não se verem em condições de lutarem contra ela.
- A força do “carrasco” faz o ser humano pensar que o erro está nele mesmo e não no dominador;
- Seria quase uma síndrome de Estocolmo?
- Isso reforça a nossa necessidade de não seguir os padrões da escola tradicional.



## 3 Marcas e Reações da Escolaridade - Reflexões



- Marcas positivas - Lembranças de ex-professores(as) que marcaram positivamente a vida das relatoras;

“Comecei a estudar inglês... aos 10 anos de idade. A minha primeira professora foi a minha inspiração”. [Relato de memória, P 3].

- Roseli A. C. Fontana (2000), - *Como nos tornamos professoras?*
- As marcas das relações no processo educativo, na busca de superação, nos remetem à escolha da profissão professor;
- As reações sempre então presentes, mesmo que estas não sejam expressas.

## 4 A escolha profissional e os impasses da profissão docente

- A profissão docente não foi a primeira opção das relatoras;

Penso nisso hoje, pois o meu sonho era passar no vestibular para Medicina, normalmente o adolescente é motivado por pessoas de fora, pelo sonho da família, pelo status social, entre outros. [Relato de memória, P1].

- Isso se deveu à imaturidade das professoras e por influências familiares que viam a profissão docente como ruim, “Bico” ou sem retorno financeiro;
- No entanto, as professoras relatam gostar da profissão;

[...] comecei a perceber que contava as horas pra chegar a hora de dar aula, os alunos gostavam das minhas aulas, meu trabalho estava sendo elogiado e eu amando tudo aquilo. Eu havia me encontrado profissionalmente. [Relato de memória, P2].

## 4 A escolha profissional e os impasses da profissão docente

- Aparece nos relatos das 4 professoras - a indignação pelas más condições de trabalho e pelos baixos salários, fator que se apresenta fortemente em todos os relatos.

Meus anos no Ciclo representam para mim muito aprendizado, mas ao mesmo tempo, um grande desgaste físico e mental. Salas de aulas muito cheias, falta de condições adequadas para realizar atendimentos individuais aos alunos, múltiplas necessidades de aprendizagem e pouca formação oferecida, professores que lidam com aspectos bem complicados, tais como a inclusão. [Relato de memória, P4].

- Expectativas:

Fazer mestrado, doutorado;

Melhorias salariais;



## 4 A escolha profissional e os impasses da profissão docente

- As professoras demonstraram em seus relatos algumas ressalvas ao Proeja-FIC/Pronatec;
- Ressaltaram problemas de infraestrutura e burocráticos na implantação das proposta;
- Não quero terminar sem falar do meu carinho pela EAJA e da frustração em ver que optamos pelo Proeja-FIC/Pronatec e que de certa forma não está dando muito certo, pela falta de estrutura física para as aulas de Informática e professores do IFG para as aulas de qualificação que não vieram até hoje. Não vamos mencionar de quem possa ser a culpa, mas mais uma vez percebemos que da mesma forma que existem pessoas envolvidas e engajadas pra que tudo dê certo, existem aqueles que por motivos que desconhecemos nos passam a impressão de que não se importam com aquilo que realmente precisamos nos ater: a aprendizagem dos nossos alunos com qualidade e de acordo com o que eles vêm buscar dentro da escola. [Relato de memória, P 3].
- Deparei-me com a possibilidade de participar como integrante da experiência do Proeja-FIC/Pronatec. A princípio, recebi essa experiência na escola com bons olhos, porém sempre tive ressalvas quanto à diminuição do tempo dos alunos na escola. Hoje, diante da realidade e aos problemas que a minha escola vem sofrendo, tenho uma visão menos animadora dessa proposta. A falta do ambiente informatizado para viabilizar o curso de operador de computadores, tem deixado o grupo de professores da minha escola bastante desanimado. [Relato de memória, P4].
- Uma professora relata aprender muito com os colegas e nos cursos de formação do Proeja FIC/ Pronatec;

## 5 Concepções de ensino dos professores

- O relato de duas professoras apontam para uma concepção de escola como transformadora da sociedade;
- Duas veem o ensino como uma formação para a vida;  
E é isso que nos faz pessoas cada dia melhores construindo cidadãos de bem para quem sabe um dia termos uma sociedade mais justa, politizada, solidária e que se preocupe mais com o bem do outro, pois o saber é uma arma poderosa que deve ser bem conduzida para gerar bons frutos. [Relato de memória, P1].
- Uma das professoras considera o ensino tradicional bom , com o uso de cartilha;
- ❖ Este é um posicionamento ainda presente nas práticas de um número significativo de professores;
- Uma das professoras tenta trabalhar com o lúdico, pois apesar de ter estudado em escolas conteudistas não acredita nesse tipo de ensino;



# 5 Concepções de ensino dos professores - Reflexões

- As concepções de ensino estariam condizentes com a proposta do Proeja FIC/ Pronatec?
- ❖ A proposta do Proeja FIC pauta-se na dialogicidade e na construção do currículo baseado na realidade dos educandos, buscando estabelecer a relação entre os conhecimentos cotidianos/senso comum/de experiência feito e os técnico-científicos (VYGOTSKY, 1987, 1998; GRAMSCI, 1989, 1991, 2004a, 2004b; FREIRE, 1986, 1996);
- ❖ As 4 professoras dizem gostar de trabalhar na EAJA;
- ❖ Freire (1959) observa que no trabalho pedagógico a ser desenvolvido com os educandos, no âmbito de sua formação político-educativa, que pode transitar pela consciência em três níveis: a consciência intransitiva, a consciência transitivo-ingênua e a consciência transitivo-crítica.

# Outas reflexões - Relacionando o pertencimento de classe aos níveis de consciência do professor

- **Consciência intransitiva** - modelo de professor que sente-se diferenciado da maioria de seus alunos. Ele compreende que tudo que conseguiu foi por esforço individual. Assim, por ter em si mesmo um referencial de "quase superdotado", esse professor vê em seus alunos pessoas pouco esforçadas, preguiçosas e até mesmo incapazes. Esse tipo de concepção favorece a manutenção da relação opressor-oprimido, não estimula a reflexão, o diálogo e a ação consciente e conscientizadora;
- **Consciência transitivo-ingênua** - representada por um professor que vê em seus alunos pessoas capazes e esforçadas, no entanto, ainda não os reconhece como integrantes de sua própria classe. Mas, os incentiva a lutar pela conquista de ideias que transitam em torno da aquisição material, e conseqüente elevação do *status quo* por meio dos estudos.
- **Consciência transitivo-crítica** - vê o seu aluno como membro da classe trabalhadora à qual também considera que pertence, por conseguinte, esse fato o impulsiona a trabalhar no sentido de auxiliar o educando a se desenvolver tanto pedagogicamente como politicamente, assim como em todos os sentidos do bem viver. E por ter esse nível de consciência, o docente busca a dialogicidade em suas aulas, bem como, o aprofundamento em estudos que sejam significativos para seus educandos, visando que eles conquistem seus espaços sociais e possivelmente a organização para a luta de classe.

# Considerações Finais

- Verificou-se que a maioria dos professores são pertencentes à classe trabalhadora;
- Pais e avós com profissões ligadas meio rural e com baixa escolaridade;
- De que maneira o pertencimento de classe, as marcas da escolarização e outros aspectos influenciam nas concepções de ensino do professor? Esta é uma questão que difere de indivíduo para indivíduo. Maiores reflexões a esse nível devem estar presentes nos temas da formação continuada;
- Quanto mais o professor se encontra com a sua identidade cultural, mais ele estará apto a compreender a realidade de seus educados, e este é um pressuposto fundamental para a proposta de currículo integrado aliado à formação humana que se inserem dentro deste programa.

# Referências bibliográficas

DUARTE, Luiz Claudio. Reflexões sobre o conceito marxiano de representação de classe. In: Trabalho Necessário, ano 10, nº 14. Cabo Frio, RJ:UFF, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN14LUIZCLAUDIO.pdf>>, acesso em 19/09/2014.

FONTANA, Roseli A. C. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. Tese de concurso para a cadeira de história e filosofia da educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação de / Divisão de Educação Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos. *Proposta político-pedagógica – 2010 – 2013*. Goiânia/GO, 2010. Disponível em: <[http://lesec.icb.ufg.br/uploads/263/original\\_PROPOSTA\\_APROVADA.pdf](http://lesec.icb.ufg.br/uploads/263/original_PROPOSTA_APROVADA.pdf)>, acesso em 14/03/2014.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 8 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere*. vol. 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999 e 2004a.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere*. vol. 2. *Os intelectuais, o princípio educativo – Jornalismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a e 2004b.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2006, p. 30.

KUENZER, Acácia. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. *In: Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes. 1998.

LE GOFF, Jacques, *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

# Referências bibliográficas

- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. (trad. Silvio Donizete Chagas) São Paulo: Centauro, 1845/2005.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- NORA, Pierre. Entre *memória e história* – a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> Acesso em: 11, ago. 2014.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RODRIGUES, Maria Emilia da Castro *at al*. A Educação de Jovens e Adultos na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-Goiás/Brasil: um caminho na construção de políticas de Estado". In: *VI Seminário Luso-Brasileiro – Educação, Trabalho e Movimentos Sociais*. Lisboa, Portugal: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, set./2013. Disponível em: <[http://selubet2013.ie.ul.pt/?page\\_id=667](http://selubet2013.ie.ul.pt/?page_id=667)> acesso em:19/09/2014.
- SANTOS, Esmeraldina Maria dos. **"Os saberes dos professores do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos"**. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO. Goiânia, 2007. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/node/674>>, acesso em 19/09/2014.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich . *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A Formação Social de Mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

